

Como ajudar as minorias não-chinesas de Macau a se integrarem à comunidade: O casamento interétnico de uma filipina de etnia não-chinesa e sua identidade de moradora local — um estudo de caso

*Luis Miguel aos Santos**

I. Apresentação Geral

Enquanto cidade dotada de características chinesas e ocidentais com um elevado patamar de integração cultural, desde o Retorno à Pátria, a população de Macau sofreu transformações profundas. Em 31 de dezembro de 1999, dados provisórios dos Serviços de Estatísticas e Censos de Macau (1999) indicam que a população local contava 438 mil pessoas. No quarto trimestre daquele ano, havia 2.228 trabalhadores estrangeiros no território, ao mesmo tempo em que 2.665 haviam partido. Esses números refletem um certo equilíbrio demográfico na sociedade local. Contudo, a partir de 2002, quando o Governo da Região Administrativa Especial de Macau autorizou as três companhias com as mais elevadas notas ponderadas no processo adjudicatório a que começassem a atuar no setor dos jogos de azar, os rendimentos brutos dos cassinos passaram de 47.134 bilhões em 2005 a 305.24 em 2012. Nesse contexto de aceleração galopante da economia, percebe-se que Macau passou a precisar urgentemente de recursos humanos qualificados para a gestão do jogo, mais ainda de candidatos com qualificações diversificadas, inclusive trabalhadores estrangeiros para administrar o trabalho do dia-a-dia em diferentes ambientes de gestão.

Desde o passado remoto, Macau tem sido uma cidade de imigrantes. Os moradores locais aceitam e acolhem indivíduos vindos do exterior para integrarem a grande família local. No início da década de 1980, um

* Doutor em educação, mestre em administração pública, mestre em administração de empresas, mestre em educação (língua inglesa), mestre em direito.

imenso número de imigrantes da China interior instalou-se em Macau, promovendo um forte incremento da diversidade cultural, para além de oferecer abundante força de trabalho barata. A partir daí, a mão-de-obra local passou a incorporar numerosos trabalhadores locais e estrangeiros, nos quais se contabilizavam novos imigrantes do Sudeste Asiático, África, Europa, entre outros¹. O censo populacional de Macau indica que esse chegada de estrangeiros é a principal componente da diversidade cultural local. Os números revelam que os moradores nascidos em outras localidades respondem por cerca de 60% da população local, dos quais só os oriundos do interior da China contam 46.2%. Por nacionalidades, os cidadãos da China contam cerca de 510 mil ou 92.3% do total. O número total de portugueses representa apenas 0.9%, enquanto há 15.000 filipinos, aproximadamente 2.7% dos habitantes de Macau².

Os casamentos interétnicos não constituem num comportamento excepcional em Macau. No século XV, a administração portuguesa não permitia que mulheres tripulassem as embarcações daquele país, de modo que os marinheiros de Portugal ao chegarem às colônias de além-mar só podiam desposar mulheres locais e assim gerar descendentes. Essas pessoas, a prole dos portugueses que se casaram com os íncolas de etnia chinesa originais de Macau, são chamados pela comunidade local de “macaenses”. Eles não apenas são testemunho da prática generalizada de casamentos interétnicos, mas também são a prova da fusão de elementos ocidentais e chineses em Macau. Dado que as ligações inter-raciais podem ser consideradas uma prática amplamente aceita pela população, refletida na história recente e nos costumes locais, além de aprovar casamentos entre portugueses e chineses, também é possível que outras nacionalidades possam vir a se casar com chineses. No entanto, em comparação com os casamentos entre portugueses e chineses, é mais raro encontrarmos situações em que pessoas de outras nacionalidades se unem a moradores chineses³.

¹ Zhang Hu, Os novos imigrantes de Macau e sua influência, *Zhongguo Dalu Yanjiu*, 43(12), 2000, pp. 1-15.

² Direção dos Serviços de Estatística e Censos, Resultados detalhados do censo populacional de 2011, disponível em http://www.dsec.gov.mo/getAttachment/564633df-27ea-4680-826c-37d1ef120017/C_CEN_PUB_2011_Y.aspx

³ Li Xiyuan, A população macaense de Macau e suas características, *Xueshu Yanjiu*, no. 12, 2001, pp. 110-135.

1. Objetivo e foco da pesquisa

Além dos casos mais antigos, em que a administração portuguesa⁴ autorizara a descendentes de filipinos residirem em Macau, os moradores daquela nacionalidade atualmente desenvolvem tarefas técnicas. De fato, as mulheres que há quase vinte anos residem na cidade prestam serviços de cuidados domésticos e, por isso, é comum considerar-se que todas as mulheres filipinas em Macau ou são empregadas domésticas, ou prestam serviços técnicos de natureza similar.

É verdade que, neste momento, um grande número de instituições da sociedade civil ou mesmo de departamentos governamentais organizam uma série de atividades, cursos de idiomas, entre outros, para facilitar a integração de recém-chegados, novos imigrantes e minorias étnicas à sociedade local. Entretanto, devido a um conjunto de razões, mesmo após se terem instalado em Macau há anos, um número considerável de filipinos não conseguiu ainda integrar-se na comunidade. Esta pesquisa utilizará duas famosas teorias, provenientes da sociologia e da psicologia – a saber a (1) identidade social⁵ e o (2) estigma social⁶ – para debater como otimizar o apoio social a recém-chegados, a diferentes etnias e minorias, bem como propor medidas sustentáveis nesses domínios, com o que se espera poder transformar os valores que a sociedade nutre em relação a tais grupos.

Ao analisar o casamento interétnico de uma filipina com um morador chinês, esta pesquisa tenta compreender a questão da sua identidade cultural como moradora de Macau e como ela interpreta as suas experiências e dificuldades em se integrar na sociedade local⁷.

⁴ Administração portuguesa de Macau é a denominação dada à organização política de Macau no período pré-1999, isto é antes do chamado “Retorno à Pátria”, em que estava submetida ao governo de Portugal.

⁵ Tajfel, H. (1959). Quantitative judgment in social perception. *British Journal of Psychology*, 50, 16-29.

⁶ Goffman, E. (1986). Stigma: Notes on the management of spoiled identity. Touchstone.

⁷ Smith, J.A., & Flowers, P., & Larkin, M. (2009). Interpretative phenomenological analysis: Theory method and research. London: Sage.

2. Problema de pesquisa

Nos termos descritos acima, esta pesquisa tratará de duas questões principais:

- (1) Enquanto moradora de Macau, qual a identidade cultural de uma mulher filipina casada com um homem chinês?
- (2) Como é que essa pessoa interpreta a sua experiência de integração na sociedade local?

II. Avaliação bibliográfica e quadro teórico

1. Teoria da Identidade Social

Em meados do século passado, o psicólogo social inglês Henri Tajfel propôs a famosa doutrina da identidade social (social identity theory), que argumenta existir, nos elementos de um grupo, um sentido compartilhado de consciência, de identidade coletiva. Cada membro define a sua identidade e posição particular com base em comportamentos e relações entre indivíduos e o público em geral, de modo a que essa identidade individual se torna a base para a ação coletiva^{8 9 10}. Na verdade, um sistema social determinado é uma componente importante da convivência e ações humanas. A maior parte dos indivíduos não é capaz de existir isoladamente, necessitando de algum tipo de estrutura organizacional para viver¹¹. Tajfel afirma que os julgamentos sociais existem porque as pessoas em geral criam categorias de discriminação conforme as diferenças de tipo, genero, natureza e forma¹².

Estudiosos como Tajfel também indicam que o cerne da teoria divide o reconhecimento da identidade em três categorias, a saber: (1) tipifi-

⁸ Tajfel, H. (1959). Quantitative judgment in social perception. *British Journal of Psychology*, 50, 16-29.

⁹ Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25, 79-97.

¹⁰ Tajfel, H. (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American*, 223, 96-102.

¹¹ Bandura, A. (1989). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist*, 44(9), 1175-1184.

¹² Tajfel, H. (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American*, 223, 96-102.

cação, (2) distinção prospectiva e (3) comparação. Dentro dessa categorização genérica, uma sociedade pode ser classificada a partir de características partilhadas, tais como a cor da pele, a raça, a acrença religiosa, o clã, a nacionalidade, etc¹³. Nos três pontos a seguir, explico as linhas gerais de cada uma das categorias:

De início, a primeira categoria de tipificação talvez possa ser denominada de “rótulo” de indivíduos determinados. Por exemplo, o que se indica por “empregadas domésticas filipinas”, “novos imigrantes”, “estudantes do interior da China”, “trabalhadores não-residentes”. Esta tipificação fornece à sociedade como um todo um tipo de informação que serve de rótulo para os indivíduos ou grupos. Com isso, demonstra-se quem pertencem a qual setor da sociedade. Usando “empregadas domésticas filipinas” como exemplo, uma parte da coletividade crê que toda a mulher filipina há-de ser empregada doméstica. Ao mencionar elementos imediatamente cognoscíveis, tais como a cor da pele, a nacionalidade, etc., tratam-se como rótulo para a definir a identidade ou a profissão de alguém em particular.

Em segundo lugar, a distinção prospectiva entra em ação quando o indivíduo estabelece contato voluntariamente com um grupo determinado, em que sua confiança e senso de dignidade também se afirmam nesse processo. Se uma pessoa tende a se integrar num grupo em particular, exercendo nele um papel, isso faz com que se insira mais fácil e racionalmente, não mais existindo como um indivíduo particular no meio desse conjunto de pessoas. Por exemplo, quando uma esposa recém-chegada a Macau do exterior está desejava de se integrar rapidamente na família do marido e na sociedade local, ela esforça-se para se habituar e criar relações com a comunidade de Macau. Tendo o caso vislumbrado pelo presente estudo como paradigma, já que a senhora se casou com um morador de etnia chinesa, por não compreender o idioma, ela adota a cultura chinesa como um modelo, passando a estudar a língua, os hábitos alimentares, os costumes, entre outros.

Em terceiro lugar, a comparação serve para criticar indivíduos e grupos com base em alguma característica pessoal ou alguma diferença que se

¹³ Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The Social Identity Theory of Intergroup Behavior. In S. Worchel & W.G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (pp.7-24). Chicago, IL: Nelson-Hall Publishers.

possua diante de outras pessoas – o que, em si, é um ato discriminatório. Manifesta-se psicologicamente, assim, um julgamento de valor contra o que é diferente; quando alguém possui condições superiores, em geral utiliza os seus traços característicos para se comparar a outrem¹⁴. As pesquisas realizadas por Tajfel e outros especialistas apontam que, quando uma pessoa valora um determinado grupo positivamente, mesmo sem que esse grupo altere o seu comportamento voluntária ou intencionalmente, ele via de regra continuará a gozar de uma posição mais elevada aos olhos do público. Por exemplo, alguns residentes podem fazer julgamentos de valor sobre pessoas recém-chegadas a Macau com base em elementos como o idioma, a cor da pele, a posição social. Dado que tais pessoas, baseando-se nas suas condições superiores, diferenciam as suas características face a grupos menos privilegiados, são capazes de plasmar na sociedade o entendimento de que têm uma posição muito superior à das outras pessoas.

2. Estigma Social

A palavra “estigma” é originária do grego antigo, significando a marca feita sobre o corpo de criminosos ou escravos etc., a partir da qual toda a sociedade ficava a saber o seu estatuto ou origem. Nos nossos dias, muito embora já se tenham abandonado práticas como tatuar escravos ou condenados, o estigma nunca deixou de existir enquanto forma de ideologia. Atualmente, a maior parte dos estigmas recai sobre características inalteráveis como a cultura, a obesidade, o gênero, as orientações sexuais, as crenças religiosas, a cor da pele, a nacionalidade, o lugar de nascimento, a língua, os sintomas de doenças... A maior parte dos processos de estigmatização acontece na escola, no ambiente de trabalho, nos lares e até mesmo no espaço urbano¹⁵. À medida que esses grupos estigmatizados são objeto de contínua discriminação da sociedade, eles passam a acreditar que os suas características são o foco do preconceito sob que sofrem.

Numa sociedade, o público em geral ou determinados grupos são chamados de “mainstream”, cabendo-lhes o controle sobre o conjunto de valores e percepções considerados “gerais” numa sociedade, seus critérios e padrões de julgamento. Com efeito, esse grupo crê que as suas conven-

¹⁴ Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. *The Social Psychology of Intergroup Relations*, 33(47), 74.

¹⁵ Goffman, E. (1986). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Touchstone.

ções devem tornar-se a base para os valores da coletividade em que vivem. Se tomarmos Macau como exemplo, os moradores chineses baseiam-se na sua demografia para prevalecer; ou seja, os seus hábitos de vida, as suas convicções éticas preponderam numericamente sobre os de outros grupos. Por tal motivo, dado que a comunidade chinesa é o principal grupo na cidade, cabe-lhe o estatuto de “mainstream”. Por outro lado, há grupos minoritários que, atentos para ao fato de que os seus valores, os critérios e os padrões de julgamento são evidentemente diferentes dos do “mainstream”, ou se tornam objeto de discriminação ou são simplesmente julgados diferenciadamente. Voltando ao caso de Macau, essas minorias não apenas se resumem aos grupos de nacionalidades minoritárias, moradores de etnia não-chinesa, portadores de doenças, minorias sexuais, trabalhadoras do sexo, pais solteiros, entre outros¹⁶. Atualmente, a comunidade em Macau tem uma visão negativa das minorias de etnia não-chinesa, da sua cor da pele, da sua cultura, da sua língua, do lugar em que nasceram, isto é, daqueles elementos sobre os quais não têm controle, e usam esses elementos para julgar os valores dessas minorias e mesmo o valor de estarem presentes em Macau. Mais ainda, muitas pessoas que sofrem com a discriminação acreditam que as suas características são inconciliáveis com o “mainstream”, por isso elas mesmas começam a discriminar outros grupos, a fecharem-se em torno de si próprias, e mesmo a culparem-se e não buscar integrar-se na sociedade. Como já disse, esta pesquisa tratará do caso de uma filipina com residência em Macau, de seu processo de integração, das dificuldades encontradas na sua vida familiar e dos julgamentos de valor negativos que sofreu. A partir da experiência dessa pessoa, elaboramos sugestões e ações para que o departamento governamental responsável possa otimizar o apoio e suporte às minorias de Macau¹⁷.

III. Método de Pesquisa

1. “Interpretativismo”

No campo das ciências sociais, o “Interpretativismo” é um paradigma muito utilizado, tendo imensa importância prática no presente estu-

¹⁶ Shinnar, R. S. (2008). Coping with negative social identity: *The case of Mexican immigrants*. *The Journal of Social Psychology*, 148, 553-576.

¹⁷ Goffman, E. (1986). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Touchstone.

do¹⁸. Pesquisadores utilizam-no para analisar os comportamentos individuais, com o objetivo de compreender como as pessoas concebem suas opiniões sobre um assunto determinado, inclusive os seus valores, o seu entendimento, etc. O comportamento não é algo que possa existir isoladamente, recebendo influxo de valores, costumes, entre outros elementos.

2. Método de investigação qualitativa por análise fenomenológica explicativa

O presente estudo utiliza o método de investigação qualitativa de análise fenomenológica explicativa com o fim de executar a coleta de dados¹⁹. A razão para tanto está em que o método permite que o pesquisador compreenda o sentimento e a consciência da identidade possuídos pela entrevistada, uma filipina que se tornou moradora de Macau ao casar-se com um local^{20 21}. Com esse método, a entrevistada pode partilhar as suas histórias e experiências de vida, pode organizar as suas impressões sobre a vida e mesmo reviver aqueles momentos. Dado que tudo na vida não acontece por si só, mas tem a sua origem, segue um processo formativo, as pesquisas de fenomenologia explicativa tentam identificar as causas, o desenvolvimento e os resultados das situações. Durante as entrevistas, o pesquisador não apenas pode colher informações e encontrar respostas para o problema que está a estudar, mas ainda é capaz de compreender o sentido da existência dessa raça ou grupo e também como o entrevistado evoluiu até o presente. Portanto, os resultados recolhidos por este tipo de investigação são muito ricos e profundos. A situação sob análise e o problema da identidade são compatíveis com o tipo de coleta de dados vislumbrado pelo método de investigação proposto. Com ele, o pesquisador é ainda mais capaz de compreender como as experiências de vida da entrevistada influenciam e transformam os seus valores e forma de pensar²².

¹⁸ Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organizational analysis: Elements of the sociology of corporate life*. London: Heinemann.

¹⁹ Smith, J.A., & Flowers, P., & Larkin, M. (2009). *Interpretative phenomenological analysis: Theory method and research*. London: Sage.

²⁰ Merriam, S. B. (2009). *Qualitative research: A guide to design and implementation* (3rd ed.). San Francisco, CA: Jossey-Bass.

²¹ Merriam, S.B., & Tisdell, E. (2016). *Qualitative research: Guide to design and implementation* (4th ed.). San Francisco, CA: Jossey-Bass.

²² Merriam, S.B., & Tisdell, E. (2016). *Qualitative research: Guide to design and implementation* (4th ed.). San Francisco, CA: Jossey-Bass.

3. Método de entrevista em profundidade

O método de análise fenomenológica explicativa tem por base a coleta de dados refletida pelas experiências e histórias de um indivíduo. A esse respeito, utilizei um método de “entrevista em profundidade”, realizada em três sessões, já que não me pareceu possível que histórias de desde há vinte anos pudessem ser gravadas todas numa única vez. Três pareceu-me ser o número mínimo de sessões para que pudesse reunir os dados de maior significância e profundidade. Com esse fim, em cada uma das sessões explorei questões diferentes, como: (1) a experiência de deixar as Filipinas e vir para Macau; (2) o processo de conhecer o atual marido e decidir casar-se com ele; e (3) ter uma criança após o casamento²³.

4. Método para coleta de dados

Realizei três entrevistas ao longo de dois meses com a pessoa que serve de caso para o presente estudo; cada sessão prolongou-se por 90-120 minutos. Dado que não pretendia utilizar nenhum quadro para as experiências da entrevistada, o que poderia limitar a sua capacidade de compartilhar detalhes das suas experiências, adotei questões abertas. Pretendia, assim, que a entrevistada pudesse dividir qualquer tipo de experiência, com o que teria a possibilidade de colher dados da maior importância²⁴.

5. Método de amostragem

Para ser franco, no início da pesquisa eu pretendia utilizar a chamada estratégia de amostragem em bola de neve²⁵ (snowball sampling strategy), com o propósito de reunir mais do que um entrevistado. Contudo, seja através de apresentações ou recomendações, nunca consegui encontrar mais do que uma pessoa que satisfizesse as condições que impus à minha pesquisa. Dado que o meu objeto de estudo possui singularidades e condicionantes, sendo o único do genero em Macau, a pessoa ora entrevistada deve ser vista como um raro exemplo de sucesso nesta cidade. Dito de

²³ Seidman, I. E. (1991). *Interviewing as qualitative research: A guide for researchers in education and the social sciences*. New York: Teachers College Press.

²⁴ Clandinin, D.J. & Connelly, F.M. (1987). Teachers' personal knowledge: What counts as personal in studies of the personal. *Journal of Curriculum Studies*, 19(6), 487-500.

²⁵ Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

outra forma, o caso estudado é de êxito excepcional, de modo que não é possível que se considere um desvio de amostragem. É até mesmo possível que as experiências compartilhadas, mediante análise nesta pesquisa, produzam resultados e sugestões de grande proveito para a comunidade descrita acima.

Dado que não me foi possível utilizar a estratégia de amostragem em bola de neve, empreguei uma outra estratégia, de amostragem orientada (purposive sampling) da minha pesquisa, convidando uma mulher filipina, residente em Macau, casada com um morador chinês para que compartisse as suas experiências²⁶. A “amostragem orientada” significa o estudo de um indivíduo num grupo determinado. De fato, o casamento interétnico entre filipinos e chineses não é muito comum aqui, por isso a minha pesquisa corresponde à situação das minorias residentes nesta cidade. Os resultados alcançados são capazes de refletir as características de Macau como uma cidade em que elementos chineses e ocidentais coexistem, de amizade e respeito mútuo entre culturas.

Para garantir que informações como dados pessoais e de vida profissional continuem a ser cuidadosamente protegidos após a publicação deste estudo, adotou-se um pseudônimo para garantir a privacidade da entrevistada, enquanto a idade, tempo de chegada a Macau, etc são verídicos. O quadro 1 contém os seus dados básicos:

Quadro 1: dados básicos da entrevistada

Nome	Idade	Em Macau há	Prole	Línguas	Profissão
Sra. Chan	42	22 anos	1 filho Escola Média	Tagalog Inglês Cantonês	Turismo Cantora

6. Sobre os limites da amostra

Nesta pesquisa, só foi convidada uma pessoa para participar na entrevista, pelas seguintes razões: embora os casamentos interétnicos em

²⁶ Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

Macau não sejam de modo algum raros, os laços entre uma mulher filipina e um homem chinês é algo que pouco se vê. Cheguei a perguntar-lhe a ela se tinha conhecimento de situações similares em Macau, ao que me respondeu que, no seu círculo social, somente sabia de seu próprio caso. Desta forma, tomo por certo que seja a única amostra disponível.

7. Condições para potenciais entrevistadas

Dado que neste texto se pretende estudar a identidade cultural das mulheres filipinas casadas com residentes de etnia chinesa, estabelecemos as seguintes condições para as entrevistadas, objeto desta pesquisa.

- 1) Que sejam mães;
- 2) Que tenham idade igual ou superior a 18 anos;
- 3) Que tenham ascendência filipina;
- 4) Que sejam casadas com moradores de Macau de etnia chinesa;
- 5) Que já sejam residentes permanentes de Macau;
- 6) Que já vivam em Macau há mais de 15 anos;
- 7) Que não estejam sob tutela, sejam incapazes ou portadoras de deficiência.

8. Idioma da entrevista

A entrevistada aceitou participar em três sessões de entrevista. Considerando que já vive em Macau há mais de 20 anos, já possui uma boa fluência e capacidade de expressão em chinês. Entretanto, considerando-se que algumas experiências pessoais não podem necessariamente ser transmitidas com clareza ou fluência nesse idioma, preferi apresentar as questões de forma bilíngue (em chinês/inglês), facultando à entrevistada que compartilhasse as suas experiências no idioma que lhe parecesse melhor. Uma vez que a entrevistada estudou cantonês e interagi comigo nessa língua, no corpo deste estudo eu procedi à sua tradução (e a tradução dos trechos em inglês) para o chinês escrito.

9. Procedimento de análise dos dados

A análise qualitativa busca, essencialmente, sintetizar uma grande massa de dados numa questão significativa²⁷. O processo de síntese envolve três etapas, a saber: (1) organização da massa de dados conforme o problema de pesquisa; (2) codificação aberta (open coding); (3) codificação axial. Conforme esses passos, pude organizar uma grande quantidade de dados isolados, obtidos da entrevista, numa questão significativa. Além disso, também fui capaz de, nos termos descritos acima, transformar as histórias da entrevistada em unidades de análise a partir de que obtive os resultados da pesquisa^{28 29}.

IV. Resultados da pesquisa

As experiências de vida e as histórias da entrevistada são os principais dados desta pesquisa. Ao submetê-los a análise, organizei-os em três temas diferentes. O primeiro deles diz respeito à infância nas Filipinas. O segundo, sobre as experiências da juventude, o trabalho e a integração em Macau. Por último vem a influência da cultura local sobre os valores da entrevistada, o que será dividido em duas partes, (1) as situações da gravidez, da maternidade, do voluntariado no centro comunitário e (2) a realização de estudos superiores. A figura 1 esquematiza essa divisão temática:

Figura 1: Divisão temática



²⁷ Merriam, S. B. (2009). *Qualitative research: A guide to design and implementation*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

²⁸ Saldaña, J. (2013). *The coding manual for qualitative researchers* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

²⁹ Thomas, D. R. (2006). A general inductive approach for analyzing qualitative evaluation data. *American journal of Evaluation*, 27(2), 237-246.

“Muitas pessoas pensam que o povo de Macau é indiferente e até mesmo frio para com a nossa comunidade filipina. Mas, na verdade, basta que nós demos o primeiro passo, integrando-nos na vida de Macau, aprendendo a língua deles, aceitando a forma que eles têm de ver as coisas e os seus valores, e veremos que nem todos são como pensáramos. Considero-me um exemplo disso, pois no centro comunitário todos são meus amigos; sem o apoio de cada um deles, eu não teria oportunidade de me integrar na sociedade” (Sra. Chan).

A sra. Chan é uma mulher filipina que se casou com um residente chinês, tornando-se ela mesma uma moradora de Macau. Além disso, é mãe de um aluno do ensino médio. Nos vinte anos em que tem morado aqui, aprendeu a falar cantonês fluentemente, tendo-se integrado plenamente na vida local. Ela compartilhou comigo as ocorrências da sua infância nas Filiplinas, para além dos seus vinte anos passados em Macau. Com isto, não apenas descreveu o difícil processo de conversão de uma forasteira numa local, com o que se pode intuir que Macau não apenas se desenvolveu economicamente, mas que cada pessoa nesta sociedade também é capaz de, mediante as suas experiências, escrever um brilhante capítulo da nossa história.

1. Infância passada nas Filipinas

A sra. Chan nasceu em 1974 em Manila, capital das Filipinas, numa família pobre. Órfã de pai na infância, além da mãe, tinha duas irmãs menores. Como primogenita, ela teve que trabalhar para sustentar a sua casa. Contudo, devido ao fato de o governo filipino não exigir que todas as crianças obrigatoriamente frequentassem a escola média, desde cedo a sra. Chan entrou no mercado de trabalho com o fim de ganhar o pão para a sua família. Sobre isso, ela compartilhou conosco: “como filha mais velha, se não sáísse para ajudar a mãe a trabalhar, não teríamos como sobreviver”. No seu olhar, pude ver que sentia um profundo abandono ao relembrar aqueles dias, somando-se-lhe o ambiente pobre de Manila, o que talvez tenha incitado a decisão de deixar a sua pátria.

A seguir, a sra. Chan contou-nos que, quando tinha doze anos, a sua mãe não tinha meios de continuar a pagar os custos da sua educação, tendo portanto de deixar imediatamente a escola. Eis as suas palavras:

“Naquela época, as minhas duas irmãs tinham três e sete anos; a mãe precisava de ir trabalhar numa fábrica; como não podia permanecer em casa para cuidar das meninas, cabia-nos então esse trabalho, a mim e à

minha avó. Naquele tempo, as viúvas tinham uma posição social muito baixa, além do mais, a minha família não tinha um homem adulto à frente. Vivíamos sob um ambiente de grande privação. Se eu não saísse para trabalhar, ajudando no sustento da casa, temia que um dia a mãe e a avó não agentassem...”.

Por viver num ambiente de grandes dificuldades, a sra. Chan não pôde viver a sua infância. Adicionalmente, o governo filipino não dava apoio especial às famílias de pais solteiros/viúvos, o que fez com que a sra. Chan amadurecesse cedo, aprendendo a adaptar-se a ambientes novos e difíceis. Disse-me:

“Na minha juventude, quase todo o dia acompanhava a minha mãe para ir a fábricas diferentes, servindo como uma menina de trabalhos avulsos. E era assim que vivíamos o dia-a-dia, sobre o fio da navalha. Padarias, lavandarias, fábricas de roupas, lavar-carros, não havia nenhum lugar em que não tivesse trabalhado. Por isso não acho que haja um tipo de lugar em que não se consiga ganhar a vida”.

A infância e a juventude da sra. Chan foi vivida em dias de amargura e preocupação, até que uma colega de fábrica lhe falou sobre lugares chineses como Hong Kong, Macau, Taiwan, onde havia procura de mulheres que oferecessem serviços de cuidados domésticos. A vida da entrevistada mudaria profundamente após os seus planos de vir em busca de emprego na nossa região. Eis o seu relato:

“Naquela época, tinha dezesseis anos, a minha irmã começara a frequentar a escola média; a minha mãe e eu desejávamos que ela pudesse concluir os seus estudos e superar a pobreza da nossa família. Porém, não conseguíamos cobrir os custos com a sua aprendizagem, o que me levou a considerar deixar as Filipinas para tentar a sorte no exterior. Uma colega de fábrica apresentou-me a alguém que estava a procurar uma empregada doméstica; o salário era mais elevado do que o que eu conseguia amalhar junto com o da minha mãe em dois meses. Desta maneira, eu poderia não apenas solucionar a situação dos estudos da minha irmã, mas também poderia contribuir para a reforma da minha avó. Também pensei, caso decidisse não deixar as Filipinas, teríamos todas, a mãe, eu, minhas irmãs, que passar o resto da vida daquela forma. Por isso, cerrei os dentes e decidi arriscar.

Porque a sua família era pobre, a sra. Chan nunca havia saído das Filipinas na sua infância, nem mesmo à ilha de Luzon onde nascera. Con-

sequentemente, deixar o seu lar para trás em busca de emprego era uma decisão extremamente complexa para a nossa entrevistada, cuja influência se estenderia a toda a sua vida futura. No entanto, confidenciou-me que a sua mãe esperava que a sra. Chan conseguisse encontrar uma oportunidade no exterior, não apenas para ajudar com nas contas, mas também para reverter as condições pouco favoráveis em que viviam. Além disso, nos seis meses após tomar a sua decisão de vir para Macau, algo muito sério aconteceu na sua casa. Tal como me falou:

“Eu não queria mesmo deixar a minha mãe sozinha. Possivelmente, não conseguiria revê-la passados cinco, dez anos... Já estava velha, a mãe; a avó, ainda mais. A partir do momento em que saísse de lá, temia que deixasse de ver muitas coisas acontecerem. Foi quando a minha irmã adoeceu gravemente, e mais, também a saúde da minha avó se mostrava cada vez pior: precisávamos de ainda mais dinheiro para comprar remédios. Nessa situação, enquanto filha mais velha, só me restava partir para ajudar a minha família”.

Do olhar da sra. Chan, percebi o preço que pagou, todo o abandono que sofreu pelos seus entes queridos. No seu segundo ano a trabalhar fora, a sua avó faleceu devido a doença grave. Pior, no momento em que soube, já tinha remetido todo o seu salário para a família, logo não teve como voltar para as Filipinas e participar do funeral. Lamentou-o:

“Talvez tenha sido o maior arrependimento de minha juventude. Felizmente, a família em que trabalhava foi muito compreensiva, permitiu que tirasse uns dias de férias para me acalmar. Mesmo assim, precisei de dois anos para que conseguisse refazer-me por completo.

Das vivências da infância e juventude descritas acima, pode perceber-se que a sra. Chan é uma mulher de forte capacidade de adaptação e disposta a suportar sacrifícios. As dificuldades que atravessou quando criança ajudaram-na a continuar a sua bela vida numa cidade que tem como eixo fundamental a cultura chinesa.

2. Juventude: experiências de trabalho em Macau e integração

Quando tinha dezenove anos, a sra. Chan veio sozinha para Macau trabalhar. Naquele ponto, dependia totalmente da agência de emprego e de algumas conterrâneas que conhecera há apenas duas semanas. Nos

primeiros dias em Macau, sentia uma grande insegurança, psicológica e física. Somente lhe era permitido passar duas semanas aqui, mas já tinham transcorrido dez dias sem que pudesse encontrar uma firma para trabalhar. Esclareceu-o:

“Naquela altura, eu já tinha usado todas as poupanças de casa para comprar a passagem de avião para Macau. Caso não encontrasse emprego, talvez a situação financeira da minha família ficasse ainda mais grave... eu não conhecia ninguém afin, qualquer problema que acontecesse, tinha que pedir à agência de emprego para que me apresentasse a alguém que pudesse ajudar. Além do mais, as tecnologias de comunicação na época não eram muito avançadas, sem o suporte de amigos e parentes, a primeira semana em Macau foi muito difícil”.

Sem amigos e parentes em quem pudesse confiar, sem conhecer a língua, a sra. Chan passava por grande angústia. No 13º dia, isto é, na véspera de ser forçada a deixar Macau, pelos ofícios da agência, a sra. Chan conseguiu um emprego de ajudante numa pequena floricultura. Os funcionários e a responsável pela loja demonstraram ter grandes cuidados com a recém-chegada, oferecendo-lhe alojamento e alimentação. Trataram da sra. Chan como uma parente. Nas suas palavras:

“Meu primeiro trabalho foi numa floricultura da zona central. A dona da loja não se importava com as formalidades, lentas e complicadas, de concessão de visto, de maneira que decidiu contratar-me. Sinceramente, eu lhe sou muito grata. Até hoje, ainda é a minha melhor amiga em Macau. Devido a ela, à sua positividade, à sua recepção calorosa, é que consegui integrar-me, lentamente, na sociedade local”.

A sra. Chan trabalhou cerca de três anos nessa floricultura até que conheceu o seu atual marido. E justamente foi o seu marido que se tornou o divisor de águas da sua vida. Tal como me narrou:

“Nos os dias em que estive a trabalhar na floricultura, não tinha nada mais em mente, apenas a esperança de me esforçar, ganhar o meu salário e remetê-lo para a minha família nas Filipinas. Mas a vida sempre tem novos desafios e foi quando ali estava que conheci a pessoa que se tornou meu marido. Era um cliente da loja, que vinha quase todas as semanas. Uma vez tomou a iniciativa de conversar comigo, respondi-lhe com um cantonês fraco. Depois de sairmos juntos algumas vezes, começamos um

relacionamento. A seguir, passado cerca de um ano, ano e meio, decidimos casar”.

Estavam casados há um ano e ainda trabalhava na floricultura. A patroa, os colegas, todos se ajustaram à nova posição social e novas atitudes da sra. Chan. Esforçava-se para aprender a cultura de Macau da população chinesa, incluindo a língua, os hábitos alimentares, a concepção familiar. Depois de se unir a uma família chinesa, os irmãos e irmãs do seu marido, sogro e sogra incumbiram-se de lhe ensinar as exigências que recaem sobre a esposa de um chinês. Descreveu-o assim:

“Tanto os familiares de meu marido, como os seus pais, todos se empenhavam em me orientar. Face às minhas dificuldades de adaptação, das diferenças culturais, todos manifestavam grande aceitação e tolerância. Numa primeira etapa após o casamento, ainda estava a trabalhar na floricultura, os meus sogros achavam que uma nora tem que ficar em casa para ajudar o seu marido a educar as crianças. Nesse ponto, inicialmente não estávamos em consenso, mas a família do meu marido tinha consideração por eu ser uma mulher esforçada, por fim admitiram que eu trabalhasse fora. Por outro lado, eu também aprendi cantonês ao ver muitos filmes e notícias, ao ouvir muitos programas de rádio. Com isso, esperava poder tornar-me uma moradora de Macau com toda a brevidade. Ao cozinhar, a minha sogra ensinou-me aos poucos como preparar comida à maneira de Cantão e outros pratos da China. Não apenas a família do meu marido, mas também os colegas da floricultura tinham uma grande tolerância, profunda compreensão por mim; em menos de dois anos consegui integrar-me na sociedade local”.

Desde o início, com sua experiência de trabalho, a sra. Chan angariou apoio e valeu-se da influência positiva dos seus colegas e amigos. Teve a sorte de conhecer o seu atual marido durante o período na floricultura. Todos os integrantes da família do marido admitiram as carências da sra. Chan por não estar habituada aos costumes chineses, disponibilizando-se inclusive a usar de seu tempo e energia para orientá-la em cada detalhe da vida cotidiana. Nos anos que antecederam à vinda da sra. Chan para Macau, já tinha uma atitude positiva face ao estilo de vida chinês e à identidade chinesa; isso produziu nela um forte sentido de identidade. Durante a entrevista que realizei, a sra. Chan também utilizou o termo “pessoa de Macau” e “chinesa” para se referir a si própria, sem aludir à identidade “filipina” do seu sangue e nacionalidade.

3. Influência da cultura de Macau sobre a transformação dos valores pessoais

Após ligar-se formalmente em matrimônio com um morador chinês de Macau, a sra. Chan continuou a sua vida brilhante sob a identidade de “pessoa de Macau” e “chinesa”, adaptando-se a novos costumes, estudando uma nova língua, alargando a sua nova autodefinição como “filipina moradora de Macau”.

Nada obstante, se a trajetória de vida da entrevistada vista de fora parece perfeita, além do círculo familiar e de amizades, há uma parte da comunidade que é muito obstinada em relação às pessoas vindas de fora ou que pertencem a uma raça diferente. Apesar de a sra. Chan se ter esforçado para ingressar no grupo de “pessoas de Macau” e “chineses”, assemelhando-se ao estilo de vida do seu círculo de relações, as pessoas e situações fora do seu ambiente familiar mantinham distância, especialmente quando confrontadas com a aparência e cor da pele da sra. Chan. Mas duas coisas muito importantes aconteceram no período entre um e dois anos após se casar, tornando-se um outro marco importante na sua vida. A primeira foi a gravidez e nascimento do seu filho; a outra, a sua entrada numa instituição de ensino superior.

1) Gravidez, maternidade, voluntária do centro comunitário

Com razão Macau é uma cidade que clama ser um ponto de encontro multirracial entre as culturas chinesa e ocidental. No entanto, a proporção dos moradores chineses manteve-se permanentemente alta na sua história, acima dos 90%. Portugueses ou outros forasteiros de passagem só podem ser contados como um grupo ou raça minoritária, vivendo em Macau sob essa identidade. Ainda que Portugal tenha sido o país/cultura “mainstream” até ao “Retorno à Pátria”, a sua população sempre foi muito inferior à dos chineses locais.

Devido à profunda influência do “ser uma pessoa de Macau”, “ser chinês” nesta terra, a posição social dos filipinos em Macau geralmente não lhes garante o respeito da população. Na época descrita acima, a sra. Chan continuou a tentar integrar-se na comunidade com seu estatuto especial de “pessoa de Macau”. Mas só pelos seus esforços, não seria necessariamente capaz de alterar com rapidez a percepção que a coletividade tinha de si própria, do que era a sua identidade. Somente quando a sra.

Chan engravidou e deu à luz o seu filho foi que, pouco a pouco, as pessoas ao seu redor passaram a reconhecer a sua identidade. A entrevistada coloca o fato desta maneira:

“Pouco antes de completar um ano de casamento, eu engravidei; fiquei muito feliz por esperar o meu filho. Sinto que o meu filho não apenas me trouxe a sorte de ser a mãe dele, mas também foi um marco na minha integração na comunidade de Macau. Naquele tempo, não havia cursos, nem apoios para gestantes que hoje há. Por causa disso, eu, meu marido, a família de meu marido sempre íamos juntos ao centro comunitário e à vizinhança conhecer e conversar com as pessoas. Nas primeiras vezes em que fomos participar das atividades do centro, as outras mulheres e até mesmo os funcionários de lá achavam que eu era uma empregada doméstica. Mas já pela terceira vez começaram a tratar-me bem, pouco a pouco tornei-me um deles. Às vezes até vinha um voluntário ajudar-me”.

Considerando que a comunidade em geral pensava que toda a mulher filipina a morar em Macau era prestadora de serviços técnicos de cuidados domésticos, ao vê-la pela primeira vez no centro comunitário, todos os membros se equivocaram sobre a sua posição. Para ser justa, os funcionários desde o início não manifestaram nenhum tipo de resistência ou discriminação, de modo que a sra. Chan pôde contar com um terceiro tipo de apoio, além da sua família e dos colegas de trabalho. Durante o seu período no centro comunitário, participou com frequência das atividades. Para repetir as suas palavras:

“O trabalho dos voluntários no centro comunitário tem uma grande significância. Quase toda a quinzena, nós vamos a asilos fazer companhia aos idosos; todas as semanas, comparecemos no centro de crianças portadoras de deficiências para ajudar os internos. Isso não apenas me ajudou a conhecer pessoas no centro, mas também fez com que pudesse conhecer ainda mais pessoas em Macau. Durante a minha gravidez, as jovens e os idosos do centro tinham-me muita atenção, o que me fez descobrir que não me discriminavam pela minha língua ou pela cor da minha pele”.

Depois de ter o seu filho, a sra. Chan envolveu-se ainda mais no trabalho do centro como voluntária. Mais um ano e ela juntou-se, formalmente, ao corpo de funcionários daquela instituição. Descreveu-me:

“Após o meu filho nascer, fiquei muito ocupada com os afazeres de mãe. Em casa havia coisas que sempre exigiam a minha atenção. Mais,

como as pessoas idosas da família começaram a ter dificuldades em se deslocar, isso também ficou sob os meus cuidados. Era-me impossível procurar um trabalho em tempo integral. Mas o centro comunitário permitia-me levar o meu filho, na parte da tarde apenas, e ajudar com telefonemas e outras comunicações, fosse em inglês, fosse noutras línguas estrangeiras. Desta forma, eu tanto podia cuidar do meu filho, como também aprender coisas no centro comunitário.

2) Tornando-se estudante universitária

A sra. Chan trabalhou cerca de dez anos no centro comunitário a que se referiu acima, até que o seu filho concluiu o primário e começou o primeiro ano da escola média. Nesse momento, ela desenhou um novo plano para a sua vida. Depois de aprender o comportamento e a forma de pensar em geral das pessoas de Macau, a sua língua e os seus hábitos de vida, deu-se conta de que precisava de agregar mais conteúdos e mais conhecimentos. Por esse motivo, matriculou-se no curso noturno de uma escola superior de Macau, para estudar ciências de contabilidade. Durante os seus estudos, além de aperfeiçoar os seus conhecimentos, também fez amizade com uma turma de bons colegas. Vamos conhecer as suas impressões:

“Eu matriculei-me intencionalmente num curso oferecido em inglês, à noite, porque assim eu pelo menos era capaz de compreender. Mas às vezes as exposições, o material didático, as explicações eram todas em cantonês, pelo que eu ficava sem entender. Por sorte, havia algumas boas colegas, que agiram como verdadeiras irmãs, sempre dispostas a tirar um pouco do próprio tempo para me auxiliar. Ademais, tinha dois colegas portugueses, muito gentis, que também não entendiam a sessão do curso em cantonês, o que aumentava a nossa afinidade”.

Mesmo tendo uma aparência distinta dos locais chineses, nos quatro anos da sua carreira universitária, a sra. Chan participou num grupo mais diversificado do que aquele que conhecera no centro comunitário. Sua língua e hábitos de vida não diferiam em nada dos chineses de Macau, de modo que os seus colegas aceitavam-na com muito gosto. Em sua narrativa:

“Nas aulas, havia alguns colegas, intercambistas estrangeiros matriculados no curso diurno, que vinham assistir às aulas conosco à noite. Os

meus colegas não tinham grande rejeição por estudantes estrangeiros, até mesmo mostravam-se dispostos a fazer amizade com pessoas de outras raças. Da minha parte, eu sabia falar cantonês e morava em Macau já há muitos anos. Vários colegas fazíamos os deveres de casa juntos, saíamos juntos, graduámo-nos juntos. Foram quatro anos muito especiais na minha vida”.

Por conhecer profundamente a sociedade de Macau e ser muito calorosa no convívio, a sra. Chan mais uma vez pôde lograr o reconhecimento das pessoas à sua volta. Como nos revelou:

“Assim como eu, muitos dos colegas trabalhavam, além de terem convivido com pessoas de fora ou com portugueses de Macau. Esses novos imigrantes não tinham nenhuma aversão a mim, ao contrário, devido aos meus conhecimentos de inglês, tinham uma atitude positiva. Certa vez, o pai de um colega intercambista veio visitar Macau, pelo que um colega convidou-me para servir de guia”.

Por último, a sra. Chan contou-me que, como parte de seu curso, conseguiu participar de um estágio profissional numa grande empresa em Macau. Como o responsável de sua repartição elogiou os seus conhecimentos linguísticos e profissionais, ela sentiu-se ainda mais como uma pessoa de Macau. Testemunhou-me:

“Ao nos casarmos, o meu marido deu-me um nome chinês, por isso a minha carteira de identidade tem até mesmo um nome chinês. Quando me candidatei para o estágio, usei diretamente o meu nome chinês. Durante a entrevista, o responsável elogiou-me, dizendo que o meu chinês era muito fluente, confessou-me até que eu era mais destacada do que as pessoas de Macau. Por ter a carteira de identidade daqui, sequer precisava solicitar visto para trabalhador não-residente. Foi por causa dessas minhas experiências particulares que considero ter-me transformado, realmente, numa pessoa de Macau, não sendo alguém que está de passagem”.

As vivências da sra. Chan descritas acima, nomeadamente, o seu casamento, os seus estudos superiores e o estágio na firma comprovam que uma parte dos residentes locais possuem larga tolerância, a ponto de aceitarem os valores das pessoas recém-chegadas e de apreciarem a diversidade cultural. Com efeito, o exemplo da sra. Chan reflete o fato de a comunidade de Macau não ser fria e indiferente. Basta que as pessoas em geral estejam dispostas a dar o primeiro passo, deixando para trás aquelas

estruturas que antes utilizavam para aprender e aceitar o direito e o valor de que pessoas diferentes possam existir na sociedade. Desta maneira, grupos de pessoas de cor ou raça diferentes terão oportunidades ainda maiores de se integrar na grande família multicultural de Macau.

V. Discussão

Os quatro capítulos acima relataram as experiências de vida e histórias da sra. Chan, enquanto mulher filipina que se casou em Macau, assumindo uma identidade local. O primeiro tema tratou da infância da entrevistada; o segundo, das experiências e integração da jovem, a trabalhar em Macau; a seguir veio a transformação dos valores da sra. Chan, sob influência da cultura local. Nisso, o terceiro tema pode ser dividido em “gravidez, maternidade, trabalho no centro comunitário” e “tornando-se estudante universitária”, duas grandes partes.

Nos termos das opiniões descritas acima, esta pesquisa gira em torno de dois principais problemas:

(1) Enquanto moradora de Macau, qual a identidade cultural de uma mulher filipina casada com um homem chinês?

(2) Como interpreta essa pessoa a sua experiência de integração na sociedade local?

As experiências de vida da sra. Chan refletem a trajetória de alguém recém-chegado a Macau, seus hábitos de vida, sua adaptação, seu convívio, até que por fim se integra e torna-se uma parte da sociedade – processo e resultados. Na história recente da comunidade, o número de pessoas recém-chegadas é muito superior ao dos habitantes originais. A partir do final de 2016, os imigrantes superaram numericamente os autóctones³⁰. Não obstante, a comunidade chinesa de Macau ainda nutre reservas quanto à assimilação da comunidade não-chinesa recém-chegada a Macau. Na verdade, mesmo após a Revolução dos Cravos em Portugal, quando o Governo de Portugal passou a admitir que Macau era “território chinês sob administração de Portugal”, o governo desta localidade con-

³⁰ Direção dos Serviços de Estatística e Censos. Resultados Detalhados das Estatísticas Populacionais Intercalares. Macau: DSEC, 2016.

verteu-se em nada mais do que um “tomador de conta”³¹. Com a entrada na década de 1980, as pessoas então recém-instaladas em Macau rapidamente reforçaram ainda mais a desproporção que já existia. A maior parte delas tinha origem nos interior da China, eram chineses, o que fez com que os moradores de além-mar permanecessem um pequeno grupo na comunidade em geral³².

1. Tipificação proposta pela teoria da identidade social e sua relação com a vida dos moradores de etnia filipina em Macau

De fato, numa primeira fase, que compreende as décadas de 80 e 90 do século passado, por motivos políticos, uma grande quantidade de imigrantes chineses chegaram a Macau das províncias de Guangdong e Fujian, causando um sensível aumento da população chinesa no local. Destarte, a proporção ocupada pela comunidade filipina no total de habitantes certamente era inferior à da chinesa. Além disso, por causa de elementos distintivos como a língua, os hábitos de vida, a cor da pele etc, criavam-se ainda mais razões para que a população discriminasse abertamente esse grupo. Entre questões de inferioridade numérica e de restrições das áreas em que podiam residir, nas décadas de 1980 e 1990 os filipinos não tinham como formar as suas comunidades em certas regiões de Macau³³. Logo, em face dessas circunstâncias, os chineses residentes em Macau urdiam tipificações e comparações com os filipinos, tal como indicado pelo psicólogo Henri Tajfel³⁴.

Falemos da tipificação em primeiro lugar. Nas experiências de vida da sra. Chan, encontramos diversas situações em que, à primeira vista, se julgava que fosse uma empregada doméstica ou prestadora de serviços

³¹ Feng Bang, *Macau antes da retirada de Portugal*. Guangzhou: Guanghou Jingji Chubanshe, 1999.

³² Zhao Yanzhen, *Histórias sobre as relações Zhuhai-Macau*. Zhuhai: Zhuhai Chubanshe, 2006.

³³ Pan Guanjin, *Transformação das associações civis de Macau – autonomia, representatividade e participação política*, Macau: Fundação Macau, 2010.

³⁴ Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986), *The Social Identity Theory of Intergroup Behavior*. In S. Worchel & W.G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (pp.7-24). Chicago, IL: Nelson-Hall Publishers.

técnicos – não tinha nenhuma outra identidade. Evidentemente, isso comprova o processo em que a sociedade em geral já havia rotulado as mulheres filipinas, associando-as rigidamente a um tipo de profissão ou conjunto de valores. Mesmo que mulheres de ascendência filipina em Macau não correspondessem aos estereótipos, os rótulos já lhes estavam pré-determinados, pois correspondiam a um tipo de juízo de valor profundamente arraigado no grupo como um todo³⁵.

Em segundo lugar, vejamos o problema das comparações. Devido às diferenças entre filipinos e chineses no que concerne a elementos externos como cor da pele ou a língua e as atitudes ou os hábitos de vida, parte dos moradores chineses usavam os seus próprios padrões para se compararem aos filipinos. O resultado dessas comparações, invariavelmente, fosse pela raça, fosse pelo grupo “mainstream” em Macau foi que, esses chineses punham os filipinos numa posição social ou inferior em termos valorativos.

Em relação a esses dois pontos, os filipinos são discriminados talvez porque um grupo da população toma a nacionalidade, a língua, o local de nascimento, a profissão, os costumes, os elementos impossíveis de alteração, como motivo para discriminar e fazer juízos de valor, rebaixando essas pessoas. Também há outros que, sendo alvo de preconceitos, percebem-se diferentes do público em geral e fecham-se, donde o problema da estigmatização, sobre o qual falaremos a seguir.

2. Estigmatização e sua relação com a vida dos moradores de etnia filipina em Macau

Se a sociedade como um todo produzir uma tipificação e realizar os juízos de valor dirigidos à comunidade filipina³⁶, passado um certo tempo, parte dos moradores filipinos talvez sofra com as pressões e a influência negativa descritas por Tajfel, passando a acreditar que as suas características pessoais são dignas de discriminação, começando a culpar-se pelo que são, a fecharem-se enquanto grupo, entre outros problemas.

³⁵ Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The Social Identity Theory of Intergroup Behavior. In S. Worchel & W.G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (pp.7-24). Chicago, IL: Nelson-Hall Publishers.

³⁶ Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The Social Identity Theory of Intergroup Behavior. In S. Worchel & W.G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (pp.7-24). Chicago, IL: Nelson-Hall Publishers.

Tomando as experiências da sra. Chan como exemplo, sob a influência positiva do centro comunitário e da sua família, pouco a pouco integrou-se na sociedade de Macau. Contudo, esse caso de sucesso é único em nossa cidade. Nas mais das vezes, os moradores filipinos fecham-se sob o peso das pressões e da estigmatização que sofrem. Também devido a *assumium*, subjetivamente, que todas as mulheres filipinas ou são empregadas domésticas ou profissionais técnicas, muitos não têm a menor intenção de fazer amizade com elas, quanto mais estabelecer uma relação afetiva. A estigmatização que acabo de descrever não somente afeta negativamente o estatuto da comunidade filipina ou o valor da sua existência, como também cria grandes obstáculos ao seu processo de integração.

3. Os Filipinos em Macau e os novos imigrantes do interior da China têm objetivos diferentes

Da mesma maneira que a sra. Chan, a grande maioria dos imigrantes chineses que acorreram a Macau desde os anos de 1980 – especialmente de Guangdong e de Fujian – também desejava encontrar para si uma vida melhor. Vimos das experiências da sra. Chan que sua família vivia numa situação de pobreza, sem oportunidades de emprego, o que a motivou a vir para cá procurar um melhor caminho. Porque a política e a economia da RAEM são mais estáveis do que nas Filipinas, porque os salários são também mais elevados do que no Sudeste Asiático/Leste da Ásia e por ter podido contar com a recomendação dos conterrâneos, a sra. Chan deu o importante passo de imigrar, mesmo sem compreender totalmente a cultura do povo chinês³⁷.

Por outro lado, os imigrantes chineses próximos do território de Macau vieram com a intenção de se fixar permanentemente aqui, o que difere em muito da atitude dos filipinos, que vieram apenas para procurar trabalho. Por exemplo, a maior parte dos filipinos permanece aqui por alguns anos a trabalhar e depois volta para a sua terra, de maneira que Macau não é mais do que uma paragem nas suas vidas, não pretendem estabelecer-se aqui. Desta forma, após morarem no meio da preconceitu-

³⁷ Yu Zhen, Lou Shenghua & Chen Zhuohua. *Estudos sobre as inclinações político-culturais dos cidadãos chineses de Macau*. Hong Kong: Sanlian Shudian, 2011.

osa comunidade chinesa, um contingente de filipinos prescinde de criar relações com a sociedade local, baseados em seu juízo de valor, com o que se percebe não terem forte desejo de entrar para a comunidade.

4. Papel do apoio da chefe e da família para a integração na sociedade

É bem verdade que a sra. Chan difere da maioria dos filipinos que vivem em Macau. Devido à experiência de trabalho positiva na floricultura onde trabalhou e também pela compreensão que gozou da dona do estabelecimento e da sua família por não estar adaptada à língua e aos costumes locais – o que de uma maneira geral produziria discriminação – conseguiu valer-se da oportunidade de aprender o idioma no seu emprego e assim receber um pouco de calor humano dos locais.

Por outro lado, quando a sra. Chan se uniu formalmente à família do seu marido, este tomou a iniciativa de lhe escolher um nome chinês, o que se desdobrou num importante marco na sua integração na comunidade de Macau. Vale lembrar que, quando a sra. Chan morava nas Filipinas, eram difíceis as circunstâncias do seu ambiente familiar, pois sua mãe, mesmo após se casar, ainda precisava de continuar a trabalhar para cuidar da casa. Por isso que, da mesma forma, a sra. Chan também desejava continuar a sua vida profissional mesmo tendo um marido. Na perspectiva dos valores tradicionais chineses, após se casar, a mulher tem que ficar em casa para cuidar dos membros seniores da família e ajudar o marido a criar os filhos. Por isso, num primeiro momento, houve uma certa dissonância de concepções entre a sra. Chan e a família. Contou com o apoio e a compreensão da família, o que lhe permitiu, pouco a pouco, integrar-se à visão na valores familiares dos chineses.

Subsequentemente, a entrevistada conquistou o reconhecimento de muitos locais durante a sua passagem pelo centro comunitário. Deve dizer-se que, no início da década de 1990³⁸ muitos novos imigrantes do interior da China mudaram-se para Macau, o que fez com que um número considerável de locais criasse forte rejeição por aquelas pessoas que não compreendiam a língua e os costumes locais. A sra. Chan, ao contrário,

³⁸ Yu Zhen, Lou Shenghua & Chen Zhuohua. *Estudos sobre as inclinações político-culturais dos cidadãos chineses de Macau*. Hong Kong: Sanlian Shudian, 2011.

não se fechou dentro do estigma e discriminação, pelo contrário, participou ativamente no voluntariado no centro comunitário, ocasião em que pôde aprender mais sobre Macau. No início, muitas pessoas ali julgaram-na como sendo uma empregada doméstica ou uma prestadora de serviços técnicos. Porém, devido ao pensamento positivo e à sua atitude aberta para aprender coisas novas e integrar-se, rapidamente conseguiu unir-se aos locais que se haviam voluntariado, ou que faziam parte do quadro daquela instituição. Quando o seu filho cresceu, também fez bom uso do tempo de que dispunha para contribuir para a sociedade, usando das suas boas competências em língua inglesa para auxiliar os necessitados. Por este motivo, as suas experiências evidentemente destoam dos filipinos em geral, que nunca conseguiram integrar-se.

5. Influência da cultura local de Macau na transformação dos valores pessoais

Por último, uma vez que o seu filho já havia crescido, a sra. Chan empregou o seu tempo para continuar a sua formação. Depois de cerca de mais de dez anos em Macau, a sua capacidade de expressão oral evoluiu muito, aguçada pelo seu intenso desejo de se integrar na comunidade. No tempo em que cursou a faculdade, os seus colegas manifestaram alto apreço pelos seus conhecimentos e experiências de Macau. Por exemplo, disse-me durante a entrevista: “Certa vez um colega até me convidou para que servisse como guia em Macau”.

Além disso, por ter um nome chinês, por falar chinês e inglês fluentemente, por conhecer a cultura local, a sra. Chan nunca encontrou uma situação negativa em procurar emprego. Temos que reconhecer que as pessoas recém-chegadas a Macau ou os profissionais vindos do exterior que tentam encontrar emprego aqui, podem deparar-se com discriminação ou frieza dos empregadores. Mas no caso da entrevistada, porque se integrou na cultura local e se identificou como “pessoa de Macau”, definiu-se como alguém a morar aqui, não sendo uma pessoa “de passagem”, mas uma verdadeira “local”.

VI. Resumo e sugestões

Desde os primórdios das sociedades humanas, a tipificação, a comparação e a estigmatização estão presentes. Fazer com que o público aceite

inteiramente estranhos no seu seio é uma tarefa impossível. Contudo, enquanto cidade internacional pluralista, multiétnica, multilinguística, multicultural, é possível transformar os valores dos habitantes de Macau de diversas formas. A partir das experiências da entrevistada e sob o suporte teórico utilizado, esta pesquisa tece três sugestões principais, nomeadamente: (1) otimizar a educação cívica e transcultural; (2) admitir a matrícula dos filhos dos filipinos nas escolas chinesas de Macau e dar-lhes a oportunidade de aprenderem a cultura chinesa; (3) promover o multiculturalismo, estimulando os indivíduos para que saiam das suas comunidades imediatas.

1. Otimizar a educação cívica e transcultural

Enquanto cidade pluralista, os valores multiétnicos e multiculturais devem ser transmitidos amplamente às comunidades. As lideranças dos departamentos governamentais e as escolas locais podem utilizar cursos de educação cívica e moral para cultivar as crianças e inculcar-lhes os valores positivos dos diferentes grupos, transformando as disposições psicológicas deletérias desde os fundamentos e consolidando uma axiologia altruísta³⁹. Pesquisas pedagógicas indicam que as crianças não têm forte rejeição a elementos como a cor da pele, a raça, a nacionalidade ou o lugar de nascimento, de maneira que, se os valores referidos há pouco puderem ser instilados desde a mais tenra idade, será possível preservá-los e alterar os problemas de que tratei no segundo capítulo deste texto.

2. Admitir a matrícula dos filhos dos filipinos nas escolas chinesas de Macau e dar-lhes a oportunidade de aprender em a cultura chinesa

A decisão sobre estudar a cultura chinesa ou não depende da atitude dos pais. Contudo, se as minorias não-chinesas desejarem integrar-se melhor na população de Macau, onde os chineses são o “mainstream”, as escolas devem ser a melhor escola para realizar uma experiência. De fato, há uma parte das pessoas que, pertencendo à segunda geração de residentes permanentes de Macau de origem filipina, por motivos de identificação

³⁹ Yu Zhen, *Cultura política dos moradores chineses de Macau*, Macau: Fundação Macau, 1993.

social, via de regra optam por entrar numa escola de língua inglesa ou dedicada principalmente a estudantes estrangeiros. No entanto, se partirmos do ponto de vista da integração social, escolher tais escolas não necessariamente cria um estímulo a que se fuja ao quadro ora existente. Por tal razão, se pensarmos incrementalmente, seria viável passo a passo implementar a língua e a cultura chinesas nos cursos oferecidos a crianças de etnia não-chinesa. Desta forma, as crianças já poderiam estar atentas à existência da cultura chinesa em Macau e assim abrirem o seu sistema de valores para abranger também essa tradição, com o que, posteriormente, se contribuiria para sua integração na comunidade⁴⁰.

3. Promover o multiculturalismo, estimulando os indivíduos para que saiam das suas comunidades imediatas

Na construção da comunidade, o governo ou as instituições de fins não lucrativos envolvidas podem cooperar para revitalizar o velho centro da cidade, em particular a vizinhança onde moram os descendentes de filipinos. No momento, os departamentos governamentais têm utilizado o “capital gastronômica” como um novo slogan turístico para a cidade, de modo o que o tema da gastronomia possa ser um ponto de partida e despertar o interesse dos moradores locais para que, paulatinamente, sejam capazes de conhecer e se identificar com os hábitos dos residentes de etnia não-chinesa.

Por outro lado, a principal razão para que minorias étnicas não tenham podido integrar-se na comunidade de Macau está no idioma. Por isso, o governo e as instituições de fins não-lucrativos podem planejar “cursos de cantonês para não-chineses” regulares, de longo prazo e permanentes. Já que a crença religiosa, o lugar de nascimento, a cor da pele, etc, não são passíveis de alteração – ou dificilmente o são, pode pensar-se como iniciar o trabalho a partir do plano da língua ou da gastronomia, usando-os como ponte para que as minorias étnicas possam agregar-se na comunidade local⁴¹.

⁴⁰ Hopkins, K.R. (2010). *Teaching how to learn in a what-to-learn culture*. San Francisco: Jossey-Bass.

⁴¹ Hung, C.K.R. (2007). Immigrant nonprofit organizations in US metropolitan areas. *Nonprofit and voluntary sector quarterly*, 36(4).

4. Resumo

Desde a década de 1980, Macau deu novos passos para se desenvolver numa cidade internacional pluralista, multiétnica, multilinguística e multicultural. Depois de vinte, trinta anos de ajuste demográfico, mesmo em anos recentes, o número de filipinos em Macau não passa de cerca de quinze mil pessoas, ou 2.7% da população total. Dado que os novos imigrantes vindos da China interior compartilham o mesmo perfil cultural e linguístico com os moradores locais, apesar de alguns diferendos que possa haver, é-lhes mais fácil integrar-se na comunidade de Macau. Os filipinos, por outro lado, têm uma certa representatividade numérica, mas pelas suas peculiaridades, não conseguem agregar-se completamente. Mesmo assim, o público em geral deve ser tolerante, admitir no seu seio cada pessoa, sem práticas discriminatórias como a tipificação ou a comparação. Sendo isto possível, Macau haverá de se tornar numa cidade turística acolhedora no Sul da China.